

COMUNICAÇÃO NA ALDEIA GLOBAL: SOBRE LINGUAGEM, TRADUÇÃO E IDENTIDADE CULTURALⁱ



Mary Snell-Hornby
*Universidade de Vienna, Instituto de Tradução e Interpretação
Gymnasiumstr, 50, 1190, Viena, Austria*

Tradução

Matheus Bezerra Evaristoⁱⁱ
himatheus@hotmail.com

Cristiane Roscoe Bessaⁱⁱⁱ
Professora-adjunta do Instituto de Letras da Universidade de Brasília
crbessa@unb.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo mostrar o efeito dos desenvolvimentos recentes (em particular a globalização e os avanços tecnológicos) em nossa produção e percepção de língua, e na tradução e no perfil de trabalho do tradutor. As duas forças opostas do *globalismo* e *tribalismo* são apresentadas e contrapostas ao conceito sociológico de *identidade cultural*. A posição do inglês como língua franca mundial (e em estudos pós-coloniais) será discutida junto com a atual constelação de línguas na Europa atualmente e o fenômeno de *hibridismo* resultante. Deve-se chegar a conclusões com relação às atividades variadas de tradução na atualidade e sobre o perfil de trabalho do tradutor em constante mudança, o que será feito a partir da comparação entre quatro trabalhos autênticos de tradução: de uma organização internacional, de uma firma de eletrodomésticos com filiais por toda a Europa, de um panfleto publicitário de uma linha aérea e de um romance best-seller recente. Tendo como base o que foi dito acima, o perfil de trabalho do tradutor moderno é esboçado, mostrando ele ou ela como um perito em cultura internacional em um mundo internacionalizado que é ao mesmo tempo caracterizado por uma abundância de comunidades de culturas individuais.

131

Introdução

A expressão '*Kommunikation total*' pode ser vista em negrito na capa da revista alemã *Der Spiegel*, em 14 de dezembro, 1998 – '*Der siebte Kontinent*' (o sétimo continente) foi título da matéria em questão, mas não tratava de geografia ou meio ambiente, mas sim do mundo eletrônico do século 20, um mundo de comunicações: multimídia, internet, *power-books* e *swatch-talk*. O protótipo da era é um usuário visto pedalando em sua bicicleta ergométrica na academia, enquanto surfa pela internet no monitor preso ao guidão. Depois de dez quilômetros imaginários, ele já deu uma olhada em três jornais online, estudou os últimos preços da bolsa de valores e leu mais de uma dúzia de e-mails. Informação instantânea, apresentada em quantidades ilimitadas por vários canais diferentes e ao mesmo tempo – essa é a comunicação na aldeia global atual. A quantidade

enorme de material, a velocidade em que precisa ser processada, o caráter remoto ou virtual dos participantes do ato da comunicação, tudo isso mudou o modo como produzimos e percebemos a língua e o modo como interagimos com o mundo a nossa volta.

Nos primórdios da comunicação humana havia, de um lado, a simples palavra falada, efêmera, até a invenção de gravadores de som e, do outro lado, havia os símbolos escritos perpetuados em pedras ou pergaminhos, mas acessíveis somente a uma elite erudita. Com a invenção da prensa, textos escritos tornaram-se disponíveis para todos com o nível de escolaridade suficiente para lê-los. Na presente revolução tecnológica, alfabetização é algo comum, e o fluxo de informação é disponibilizado a todos que possuem hardware, software, ou *gadgets* eletrônicos que dão acesso à informação. Em um mundo de direitos supostamente iguais, a alta tecnologia cria seus próprios confidentes, sua própria elite e seus próprios grupos de poder, e a comunicação na aldeia global é, de fato, um privilégio daqueles com ferramentas tecnológicas, marginalizando milhões em países menos desenvolvidos assim como os pobres em países ricos. Estes se comunicam pela simples palavra falada ou – caso sejam capazes de ler e escrever – pelos convencionais textos escritos, e sua visão de mundo tende a ser local e regional ao invés de global.

132

Globalismo, Tribalismo e Identidade Cultural

Em 1992, em um artigo visionário publicado na *The Atlantic Monthly*, Benjamin Barber previu este tal mundo polarizado com dois possíveis futuros políticos, ‘ambos fracos, nenhum democrático’ (Barber 1992, p. 53). Um é guiado pela maré do globalismo (ou globalização):

... pelo avanço das forças econômicas e ecológicas que demandam integração e uniformidade e que hipnotiza o mundo com músicas rápidas, computadores rápidos, e comida rápida – com MTV, Macintosh e McDonald, pressionando nações em uma rede global comercial homogênea: um McMundo conectado por tecnologia, ecologia, comunicações e comércio. (BARBER, 1992, p53)

O Segundo futuro político é visto no outro extremo:

... uma retribalização de milhares de humanos por meio de guerra e sangue: uma ameaça de Libanização de estados nacionais onde culturas competem contra culturas, pessoas contra pessoas, tribo contra tribo – uma Jihad em nome de uma centena de fés isoladas contra todo tipo de interdependência, todo tipo de cooperação social artificial e mutualidade cívica. (BARBER, 1992, p. 53)

Para esses ‘dois princípios axiais da nossa era’, pelos quais o planeta está ‘desmoronando rapidamente e, ao mesmo tempo, se juntando mesmo que de forma relutante’, Barber criou o título ‘Jihad vs. McMundo’. Do ponto de vista atual, sete anos depois, suas palavras assumem dimensões visionárias, não só na área de comércio e conflitos militares, mas até mesmo – com fins de estender a metáfora – nos campos da linguagem e comunicação. E aqui há três áreas importantes que passaram por mudanças consideráveis nos últimos anos: a natureza do material que o consumidor tem de processar, a língua em que é apresentado e o conceito de texto.

Nestas duas primeiras áreas podemos continuar com a metáfora de Barber: nosso McMundo linguístico possui seu próprio ‘fast food’ intelectual na internet, por exemplo, e é dominado por sua própria ‘McLíngua’, que é tipicamente o inglês americano. É, no entanto, uma espécie específica do inglês americano, reduzido em termos de variação estilística e de assunto e, com ajuda de abreviações, ícones, acrônimos e design gráfico, sob medida para o consumo rápido. É em si uma língua franca, quase sempre de registro coloquial mesmo na forma escrita, e sem muita preocupação com as normas dos falantes nativos. Essa língua funciona como um denominador comum básico para comunicação supracultural, como um tipo de sistema de sinais flutuantes aberto para todo tipo de interferência de outras línguas de acordo com a prática e a competência linguística dos escritores do mundo todo: um estudo empírico de e-mails pode mostrar como o inglês deixou visivelmente seu domínio sob falantes nativos na Inglaterra e tornou-se, como Henry Widdowson descreveu, ‘propriedade mundial’ (Widdowson, 1994). Não menos drásticas são as mudanças causadas pela multimídia em nosso conceito de texto e tipologia: houve uma época em que produtos do ato da comunicação a longas distâncias podiam ser claramente classificados como falado ou escrito, em correspondência comercial (geralmente regidas por acordos restritos específicos de cada cultura), telegramas, telefonemas, relatos e assim por diante. A tela do computador e as infinitas possibilidades da telecomunicação produziram agora o ‘homo comunicador’ acostumado a e-mail, fax, falar, escutar, ler e ver (tipicamente com várias dessas atividades acontecendo ao mesmo tempo), mas muitas vezes sem absorver ou ordenar os infinitos fragmentos de informação ou a avalanche de imagens em mensagens coerentes.

Mas nosso planeta não consiste apenas de um Admirável McMundo Novo: no fim da escala há um tipo de ‘retribalização linguística’, como em áreas da Europa central e oriental, o que reflete os trágicos excessos do tribalismo mais brutal na arena política. Com a emergência

das novas identidades nacionais depois da queda da Cortina de Ferro, grupos étnicos individuais estão redescobrendo sua herança cultural e com isso a importância de sua própria língua mãe, principalmente quando em conflito com outros grupos. O exemplo mais impressionante é o surgimento do bósnio, sérvio e croata como línguas separadas (que era conhecida como servo-croata), apesar das mínimas diferenças, muitas vezes até criadas artificialmente, aumentando a partir da implementação de novas políticas de língua (com a chegada de Grbic). Se os mesmos critérios de objetivo linguístico fossem aplicados nas muitas variedades do inglês (cf. Stoll, 1999) e se os falantes de tais ‘variedades’ estivessem em conflito uns com os outros, o mundo poderia encarar literalmente a criação de centenas de novas ‘línguas’. Mas a definição de ‘língua’ (ante ‘variedade linguística’) aqui não é objetivamente linguística, e não depende de inteligibilidade mútua; sob esse prisma, uma língua é simplesmente o que é oficialmente reconhecida ou aceita como tal, seja por motivos políticos, étnicos ou religiosos.

134

A visão de Benjamin Barber de um mundo globalizado governado por ‘mercados universais’ e um mundo tribalizado dividido por ‘ódios paroquiais’ é de fato sombrio, mas entre os dois extremos há um fenômeno que pode ser visto de forma mais construtiva: a noção de *identidade cultural*. Isso indica uma percepção de comunidade e de orgulho de suas próprias características singulares – e um senso individual de pertencer a uma comunidade, seja por nascimento, língua ou território comum – mas implica que ainda se é capaz de comunicar e existir em harmonia com outras comunidades pelo mundo (portanto, não está ligado à uniformidade do globalismo ou a agressividade destrutiva do tribalismo). Em um século de constante migração e transportação em massa, o conceito de identidade tem sido o tópico favorito de estudiosos: em 1908, o sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel referiu à formação de um senso de identidade como um processo de ‘se diferenciar dos outros’ (Simmel, 1908, p. 261). Em um artigo mais recente, o sociólogo e psicólogo Dieter Claessens (1991) descreveu a noção de identidade cultural a partir da auto-definição coletiva e a sensação de pertencer a um lugar, com conhecimento das características que formam sua própria comunidade e aqueles que caracterizam o Outro. Língua, como parte da cultura, é uma das formas mais fortes de expressão de identidade cultural, junto com convenções não verbais, normas e regras de conduta que membros de um grupo são encorajados a aceitar durante a formação ou qualquer outro processo de socialização.¹

SNELL-HORNBY. Comunicação na aldeia global: sobre linguagem, tradução e identidade cultural. *Belas Infâncias*, v. 3, n. 1, p. 131-152, 2014.

O termo ‘identidade cultural’ foi usado em um seminário da CILS há alguns anos em uma contribuição de Lawrence Venuti, publicada em 1994, com o título ‘*Translation and the formation of cultural identities*’. Venuti usou a frase em um sentido diferente para designar uma imagem construída ou estereótipo, e isso foi, em minha opinião, um simples engano. Uma identidade (definição por CED: ‘o estado de ter características únicas que não pertencem a qualquer pessoa ou coisa’) tem base em características reais, muitas vezes objetivas, que incluem tanto as noções de autoimagem de um indivíduo quanto o modo como ela ou ele são vistos de fora. A ‘identidade cultural’ de Venuti baseia-se primeiramente em noções irreais e é tacitamente imprecisa, e também limitada ao segundo sentido do ponto de vista de um estrangeiro.² O conceito de identidade cultural (*kulturelle Identität*) descrito previamente assim como em trabalhos alemães recentes na área de Estudos da Tradução e abrange ambos os sentidos e será adotado aqui.

Língua e o Conceito de Híbridismo

Pode-se considerar verdade universal reconhecida que o inglês, dentro do contexto de discurso global, seja para melhor ou pior, assumiu posição fundamental. É a língua oficial de 52 países, com população total de mais de 1700 milhões (Navarro, 1997, p. 6). O papel do inglês como língua mundial (assim como francês, espanhol e a língua de outras potências coloniais passadas) remonta a seu antigo papel de língua dominante do império britânico, onde o inglês britânico padrão se diversificou em numerosas variedades regionais e locais ou ‘novos ingleses’. Seu papel como língua franca internacional, no entanto, por um lado, é devido à já mencionada dominação mundial da tecnologia e cultura norte-americana e, por outro lado, o fato de que sua gramática e vocabulário básicos podem ser adquiridos de forma relativamente fácil em conversas do cotidiano já que são necessárias para a comunicação superficial de falantes de diferentes línguas no mundo todo. Esse segundo fator é ligado à flexibilidade estrutural da língua em si e a política geral de abertura e pouco purista entre as instituições culturais de falantes do inglês. Isso não só encorajou o desenvolvimento de muitas variedades regionais, mas também pavimentou o caminho para o uso do inglês, não em sua forma pura, mas como denominador comum, longe da perfeição, de comunicação (possivelmente compreensível mas frequentemente cheia de interferências locais) por falantes nativos de outras línguas ao redor do mundo. O francês é um contraexemplo para provar a ideia: apesar da promoção maciça patrocinada pelo governo da língua francesa, política

normativa purista do francês em instituições e academias ajudaram a língua a preservar muito de sua característica correção normativa (e, portanto, sua identidade como uma língua de cultura, apesar das incorporações de anglicismos, mesmo que não bem-vindos), mas seu papel de língua mundial foi reduzido. Na *Financial Times*, de 9 de fevereiro de 1998, Dominique Moisi, vice-diretor da *Institut Français des Relations Internationales* em Paris, França, fez a seguinte afirmação:

O francês deveria admitir que perdeu a batalha das línguas para o ‘inglês americano’, uma versão menos sofisticada da língua de Shakespeare. Para manter o conteúdo (se não a língua) e a mensagem (se não o meio), o francês deve aprender com as qualidades vitais dos EUA de abertura e flexibilidade. (Citação do mês em *Language International* 10, p.2, 1998, p.8)

Outro fator crucial para o papel das línguas em nossa aldeia global de hoje é, porém, o que tem sido chamado de seu ‘poder econômico’ (calculado pela multiplicação de números de falantes em um país pelo PIB per capita, e depois adicionando os resultados de todos os países onde a língua é falada). Em um artigo recente, Fernando Navarro mostrou que:

... as línguas mais poderosas economicamente do mundo são as das três potências econômicas mundiais: Estados Unidos, Japão e Alemanha, respectivamente. Mais de 60% da produção econômica mundial é representada por falantes de inglês, japonês e alemão; se adicionarmos o espanhol e o francês, essa porcentagem cresce para 75%. É notável que das seis línguas mais importantes economicamente do mundo, cinco são línguas europeias. (NAVARRO, 1997, p.6)

Quanto ao inglês, é importante destacar que metade dos falantes nativos do inglês (e três quartos do poder econômico atribuído à língua inglesa) estão concentrados em um único país, os Estados Unidos da América. Esse domínio esmagador do inglês americano criou uma atitude comum entre seus falantes de que esse inglês e seu status alcançado é resultado da evidente norma linguística liberal e do padrão natural contra o qual todas as línguas são avaliadas.³ Na Europa, porém, a cena é bem diferente. A Europa é em essência multilíngue e multicultural, e as línguas individuais – especialmente aquelas ‘menos difundidas’, e até variações locais como o alemão suíço – são características fortes da identidade cultural. A língua com mais falantes nativos na Europa e com maior poder econômico é o alemão e, em termos econômicos, o inglês alcança somente a quarta posição, depois de alemão, francês e italiano (Navarro, 1997, p. 6). Mas a questão da língua aqui não é somente o poder econômico ou número de falantes; é também uma questão geopolítica e carregada de complicações

SNELL-HORNBY. Comunicação na aldeia global: sobre linguagem, tradução e identidade cultural. *Belas Infâncias*, v. 3, n. 1, p. 131-152, 2014.

históricas, incluindo a rivalidade histórica entre inglês e francês, as ambições arrogantes do espanhol, e a relutância em aceitar qualquer tipo de dominância do alemão (apesar de seu papel histórico de maior língua franca da Europa Central). Ao mesmo tempo, a Europa, configurada como União Europeia, está emergindo como uma das maiores entidades econômicas do mundo, e com uma política declarada de multilinguismo democrático. Apesar de muito louvável, isto é ilusório até hoje (cf. Dollerup, 1996) e provado inviável e financeiramente inalcançável. Por motivos internos, o francês (por motivos históricos), o inglês (por praticidade) e (apesar da relutância) o alemão já são usados como meios de comunicação predominantes.

Entretanto, é bem claro que na Europa tanto línguas quanto culturas estão constantemente em contato, seja dentro das instituições da União Europeia, ou por transações de negócios, turismo em massa, trocas culturais e outros. Essa comunicação intercultural intensa resultou no que Schäfner e Adab (1997) definiram como texto híbrido. Em sua visão, textos híbridos são resultados de um processo de tradução (Schäfner & Adab, 1997, p. 335) e são caracterizados por recursos (vocabulário, sintaxe, estilo e etc.) que chocam com as convenções da língua de chegada e são ‘de certa forma contrária as normas da língua e cultura de chegada’ (Schäfner & Adab, 1997, p. 327). Os autores também incorporam textos da UE, que não são necessariamente traduções:

No processo de estabelecimento de unidade política, expressões linguísticas são niveladas para um denominador (baixo) comum. Eurotextos refletem um Eurojargão, por exemplo um vocabulário reduzido, significados que tendem a ser universais, inventário reduzido de formas gramaticais. [...] A aceitação é devida funções comunicativas limitadas dos textos. Textos da EU. [...] funcionam dentro da Comunidade na qual são criados (ex. para funcionários, ou reuniões com seus respectivos grupos). Isso significa que os textos têm requisitos de usuários claramente definidos. As instituições multinacionais da EU são a cultura de chegada, textos híbridos são elementos formadores na criação de uma (verdadeira) cultura supranacional. (SCHÄFFNER & ADAB, 1997, p. 327-8)

Essa formação de uma ‘cultura’ supranacional por ‘Eurojargões’ – que afeta principalmente as três línguas dominantes – inglês, francês e alemão (veja também Born & Schütte, 1995) – é remanescente da ‘McLingua’ global e sem raízes que descrevemos acima, igualmente reduzida em capacidade estilística e lexical, e aberta a todos os tipos de interferências. Tais textos são tipicamente produtos da nossa era e são um resultado natural da vida internacional e globalizada de hoje. Eles refletem a realidade do nosso mundo no extrovertido século XX, onde as antigas e inconfundíveis estruturas de poder e sistemas em

conflito (seja capitalismo vs. comunismo ou colonizador vs. colonizado) se entregaram a grupos comunicativos, heterogêneos e frequentes forças imprevisíveis em um fluxo constante.

O termo ‘texto híbrido’, contudo, têm sido usados já há alguns anos, mas em outro contexto e com uma mudança essencial de significado. No começo dos anos 90 e dentro de estudos pós-coloniais, o texto híbrido foi definido como aquele escrito por uma língua ex-colonizada na língua do ex-colonizador (como nigerianos e indianos escrevendo em inglês ou norte-africanos escrevendo em francês), assim criando uma ‘nova língua’ que ocupava o ‘interespaço’:

Esses textos pós-coloniais, geralmente chamados de ‘híbridos’ ou ‘mestiços’ devido à camada linguístico-cultural que existe entre eles, conseguiram criar uma nova língua que desafia a noção de texto ‘estrangeiro’ que pode ser prontamente traduzível para outra língua. (MEHREZ, 1992, p. 121)

Samia Mehrez, em seu artigo ‘*Translation and the colonial experience*’, de onde a citação foi retirada, foca no texto francófono norte africano, mas muitas de suas observações aplicam-se igualmente à cena anglófona. Em palavras memoráveis, o escritor nigeriano Chinua Achebe descreve a língua adequada para uso de escritores africanos como veículo de expressão na literatura inglesa pós-colonial:

Os africanos deveriam se dedicar a moldar um inglês que é ao mesmo tempo universal e capaz de carregar sua experiência peculiar. Terá de ser um inglês novo que a ainda esteja em comunicação completa com seu lar ancestral, mas alterado para se ajustar ao seu meio. (cit. VILLAREAL, 1994, p. 62)

Esses textos, escritos em um ‘novo inglês’ como expressão de uma identidade cultural específica – aqui em contraste com o Eurojargão híbrido – são também uma característica do nosso mundo híbrido em constante mudança, e eles enriqueceram a língua inglesa e as culturas falantes do inglês em outra dimensão.

Para resumir as observações feitas até agora, podemos dizer que o inglês mundial pode ser visto de três formas respectivamente. Primeiramente, há a língua franca que flutua livremente (‘inglês internacional’), que claramente já perdeu o traço de sua identidade cultural original, suas expressões, suas conotações escondidas, suas sutilezas gramaticais e terminou se tornando uma forma padronizada reduzida de língua para comunicação supracultural – a ‘Mcíngua’ de nosso ‘Mc mundo’ globalizado ou a ‘Eurofala’ do nosso continente multilíngue. Há também muitas variedades individuais, em sua maior parte compreensíveis, mas cada

variação é uma expressão de identidade cultural específica com suas próprias expressões, metáforas e alusões culturais (o inglês indiano, por exemplo, ou inglês britânico como demonstrado em qualquer artigo do Daily Mail).⁴ E finalmente, há as formas literárias e híbridas como demonstradas na literatura pós-colonial, criando uma nova língua ‘no interespaço’, alterada para adequar-se ao seu meio.

Tradução, Globalização e A Cena da Linguagem Europeia

O desenvolvimento rápido de nosso ‘McMundo’ globalizado com sua ‘cultura franca’ tecnológica e a emergência de novas identidades culturais e nacionais depois do fim do colonialismo e a queda do comunismo afetaram profundamente a tradução e o trabalho do tradutor profissional. Em outro artigo visionário chamado ‘Jack e o ano de 2000’, apresentado originalmente em uma conferência no Misano Adriatico, em 1994, Patricia Violante-Casseta (1996) descreveu como ela até então via o tradutor durante a virada do milênio. Sua apresentação discorre:

Meu nome é Jack e sou tradutor nos Estados Unidos, embora eu compartilhe muitos traços e características com colegas do mundo todo. Outros Jacks como eu podem ser funcionários de organizações internacionais, corporações internacionais, multinacionais, agências do governo, interesses privados, ou podemos ser autônomos. Passamos por documentos que em geral são altamente técnicos (quase ilegíveis em alguns casos⁵) e os traduzimos para outras línguas. Um dia podem ser regulamentações ambientais e no outro dia as especificações de um dessalinizador. (VIOLANTE-CASSETA, 1996, p. 199)

139

‘Jack’ tem uma variedade de tarefas e de condições de trabalho, mas é claro que seu trabalho é inimaginável sem uma boa infraestrutura tecnológica: computadores para a produção de textos, serviços online que fornecem glossários de termos em constante atualização, e-mail, internet, auxiliares de tradução e assim por diante. Esse tradutor é visto em um futuro computadorizado, o que soava como uma ficção científica esquisita quando o artigo foi lido cinco anos atrás; no entanto, podemos dizer agora que a visão não só se tornou realidade como também se tornou obsoleta pelo ‘homo comunicador’ da nossa era multimídia. Entretanto podemos dizer também que as mudanças a seguir – em parte já previstas por Violante-Casseta – aconteceram ou são eminentes:

- (1) Devido à vasta quantidade de material transmitido pela telecomunicação, a velocidade com a qual é processada, o aumento de formas coloquiais e tolerância aos que antes

eram vistos como erros linguísticos ou erros de digitação, algumas comunicações dependem simplesmente de inteligibilidade mútua básica, e aqui a tradução tornou-se obsoleta (boa parte da comunicação é feita em inglês como língua franca). A correspondência de negócios formal foi em certo ponto substituída pelo e-mail; muito se resolve por fax e celular.

- (2) A mesma necessidade de processamento rápido e a tolerância por formas de linguagem não tão perfeitas, junto com o nivelamento de diferenças culturais dentro da ‘cultura franca’ tecnológica, significa um papel maior em potencial para programas recursos de tradução (ex.: versões rudimentares de informações arquivadas para uso interno sobre um assunto específico).
- (3) A comunicação multimídia cria três novos tipos de texto – o guia de museu de áudio é um bom exemplo – alguns deles multimediativos, com símbolos verbais e ícones interativos, recursos de layout, imagens ilustradas e sons (como pode ser visto cada vez mais em técnicas de publicidade).
- (4) Na área da comunicação intercultural, que requer não só mediação linguística como também conhecimento cultural aprofundado, o tradutor (e intérprete) (humano) terá um papel cada vez mais importante, quando ele/ela assumirá total responsabilidade pelo ‘produto final’.⁶

140

Para ‘Jack’, o tradutor americano – que tem o inglês inquestionavelmente como sua língua dominante, quase em um sentido neocolonial – sua posição dentro da nossa aldeia global é diferente da de seus colegas europeus, onde diferenças interculturais ainda formam um elemento fundamental em nossas vidas. Aqui também, no entanto, as coisas mudaram. Independente do caráter híbrido da eurofala, a influência niveladora e normativa da eurocultura burocrática e a incontestável dominância das três línguas principais, inglês, francês e alemão, temos um grande número de línguas ‘exóticas’ menos difundidas – finlandês, esloveno, polonês, lituano e muitas outras – disputando posição dentro do complexo e ágil mundo europeu. Um modo de resolver o problema é desenvolver alta proficiência em uma ou mais das línguas ‘principais’ e produzir tradutores altamente capacitados: Finlândia e os países escandinavos são ótimos exemplos. Outra solução pode ser o fenômeno de ‘multilinguismo passivo’, onde pessoas adquirem a habilidade de compreensão e leitura em várias línguas estrangeiras sem a necessidade de aperfeiçoar suas

SNELL-HORNBY. Comunicação na aldeia global: sobre linguagem, tradução e identidade cultural. *Belas Infâncias*, v. 3, n. 1, p. 131-152, 2014.

habilidades ativas. Assim, discussões ou reuniões podem ser conduzidas em diferentes línguas ao mesmo tempo (lugares onde línguas são mutualmente inteligíveis, como nas regiões escandinavas, eslávicas e de línguas românicas, isso não é um problema) deixando aberto para as pessoas falarem ou escreverem em qualquer língua que pode ser compreendida pelos presentes. Outra opção, que já é uma necessidade em línguas de difusão limitada como esloveno e lituânio, é a tradução regular na língua não nativa (com treinamento de tradutor especial para esse propósito), pelo que mais uma vez – como no caso do inglês internacional e auxiliares de tradução – um ‘produto de tradução imperfeita’ que Prunc chamou (Prunc, no prelo), não só tolerado mas até mesmo incluso no brief da tradução (com remuneração também imperfeita). Por exemplo, esse poderia ser o caso – não em tradução literárias, claro – mas em um resumo de informações sobre negócios para uso interno da firma apenas.

Da Oficina do Tradutor

Como visto acima, fica claro que o tradutor europeu de hoje opera em um mundo que é globalizado, híbrido e ao mesmo tempo caracterizado por diferenças interculturais. Eu gostaria de ilustrar isso brevemente por meio de trechos de quatro textos autênticos juntamente com suas traduções, indo do global ao culturalmente específico, do técnico ao expressivo. As versões em inglês de cada um destes trechos serão reproduzidas a seguir.

141

Tradução em Organizações Internacionais

O primeiro trecho é de um texto usado como material para tradução em várias línguas no Serviço de Tradução das Nações Unidas em Viena. Ele foi discutido na tese de doutorado de Mohammed Didaoui, chefe da Divisão Árabe da ONU (DIDAOU, 1996).

Texto 1

A. Note on Morocco's Nuclear Power Programme

Organization structures for implementation of nuclear programme

1. The National Electricity Board (ONE)

The National Electricity Board, being a public industrial and trade authority, has the monopoly of electricity generation and transmission in Morocco. In this connection it is designated as the owner and future operator of any nuclear power-stations to be set up. This is the framework within which ONE, within the assistance of IAEA, has prepared the first planning studies,

which will be examined and taken further under agreement with France, and has also started to collect information and data on site choices. A special study has also been made of present population distribution in the area where a nuclear power-station may be built.

Como Didaoui aponta, o maior problema com textos fonte das Nações Unidas é que eles são geralmente compilados em conjunto por vários autores que não são falantes nativos, assim sendo consequentemente linguisticamente defeituosos. São como os textos da UE mencionados por Schäffner e Adab (1997), onde, no processo de estabelecimento de unidade política, expressões linguísticas são niveladas a um denominador comum (baixo). O texto acima ilustra claramente o que acontece com o inglês como ‘propriedade mundial’ além do controle dos falantes nativos, e na opinião de alguns tradutores com quem conversei até agora, precisa ser transeditado antes de ser traduzido. Uma versão em inglês mais aceitável⁷ poderia decorrer como se segue:

142

The National Electricity Board (ONE), a public industrial and trade authority, controls the generation and distribution of electricity in Morocco. Due to its monopoly of this area, it is considered to be the owner and future operator of any nuclear power stations which may eventually be set up in the country. Taking this into consideration, and with the assistance of IAEA, ONE has initiated a series of investigations which are, however, subject to approval by the French government. A survey to gather information and data on possible site choices has already begun and a special study is under way concerning the redistribution of the population which presently inhabits the area in which nuclear power stations may be built in the future.

Mas, ainda assim o texto tem seus problemas. Enquanto, de um lado, é um produto prototípico de uma sociedade supra-cultural, tecnológica e globalizada, é necessário um certo grau de competência no assunto e conhecimento de informações internas por parte do tradutor.

Panfletos de informações Multilíngues

O segundo texto (Texto 2) é parte de um panfleto de informações multilíngue (sobre condições de serviços e garantia) publicado pela firma alemã ‘*Bauknecht*’, que fabrica eletrodomésticos de qualidade e é representada em vários países europeus sob o nome de ‘*Whirlpool*’. A versão em inglês reproduzida a seguir é direcionada a clientes na Irlanda:

IRELAND

SERVICE FOR YOU

This product is constructed of high quality materials and great care has been taken in its manufacture. It is designed to give you every satisfaction, provided that it is properly installed, operated and maintained.

YOUR GUARANTEE

If any defect in manufacture or material should appear in this product within 12 months of the date you purchased it, Whirlpool Ireland Service will arrange for such defect to be rectified without charge, provided that:

- (1) reasonable evidence is supplied that the product was purchased within 12 months prior to the date of claim.
- (2) the defect is not due to the use of the product on an incorrect voltage or contrary to installation and operating instructions or to accidental damage (whether in transit or otherwise) misuse, neglect or inexpert repair.
- (3) the product has not been used for other than domestic purpose
- (4) the product is located in the republic of Ireland.

In addition, you may apply for a ten year parts guarantee. If you did not receive a guarantee application form from your retailer, at the time of purchase, please contact Whirlpool at the address shown. We will forward this form to you, which you should complete and return to us within 30 days from the date of purchase.

SERVICE OUTSIDE GUARANTEE

Whirlpool Ireland Service will continue to be available at normal charge, usually in your own home, during the entire life of your appliance.

You should remember that either during the guarantee period or later, a charge will be made for a Service visit in the event that no defect is found in your appliance.

Before requesting a call therefore, you should make the checks suggested in the instruction booklet to see whether you can correct the problem for your-self. If after doing so you are satisfied that the appliance itself is a fault, when requesting a Service call you should specify the model number and serial number of your appliance, to be found on the rating plate fixed onto or inside it and describe the symptoms clearly.

Enquanto o Texto 1 funcionava como material de informação básico para a reprodução em várias línguas em uma organização internacional, o Texto 2 é feito para funcionar especificamente dentro da cultura e do sistema jurídico da República da Irlanda, e foi localizado até certo ponto. Isso significa que convenções com relação ao tipo textual, particularmente na área de sintaxe e pragmática. A questão da área tecnológica é que, mesmo sendo supra cultural, requer competência no assunto por parte do tradutor mas não representa problemas interculturais. Tudo isso emerge claramente em uma comparação com o texto usado na Alemanha (copiado exatamente como está no original – exceto pelas partes omitidas indicadas – incluindo erros de impressão):

Garantiebedingungen für Haushaltsgroßgeräte

Sehr geehrte Kundin, sehr geehrte Kunde,

Sie haben gut gewählt. Ihr Bauknecht-Gerät ist ein Qualitätserzeugnis - wie andere Bauknecht-Geräte auch, die zur vollen Zufriedenheit ihrer Besitzer in Millionen Haushalten ganz Europas arbeiten. Wenn es doch einmal zu einer Störung kommen sollte, hilft Ihnen unser Kundendienst. Die Service-Nummer an Ihrem Gerät ist dann besonders wichtig: Bitte nicht entfernen!

Garantiebedingungen

Als Käufer eines Bauknecht-Gerätes stehen Ihnen die gesetzliche Gewährleistungsrechte aus dem Kaufvertrag mit Ihrem Händler zu. - Zusätzlich räumt Ihnen Bauknecht eine Garantie zu folgenden Bedingungen ein:

1. Leistungsdauer

Die Garantie läuft 12 Monate ab Kaufdatum (Kaufbeleg ist vorzulegen). Wenn Sie uns ein mangelhaftes Bauknecht-Gerät in die Kundendienststelle bringen, erfolgt die Mangelbeseitigung (Ersatzteile, Arbeitszeit) unentgeltlich. Wünschen Sie die Reparatur am Aufstellungsort, so berechnen wir nach Ablauf von 6 Monaten die Fahrt- und Wegezeitkosten unseres Kundendienstes. [...]

2. Umfang der Mängelbeseitigung

Innerhalb der genannten Fristen beseitigen wir alle Mängel am Bauknecht-Gerät, die nachweisbar auf mangelhafte Ausführung oder Materialfehler zurückzuführen sind. [...]

3. Geltungsbereich

Unsere Garantie gilt nur, wenn das Bauknecht-Gerät auf dem von uns in unseren Lieferbedingungen vorgeschriebenen Vertriebsweg erworben wurde und in der Bundesrepublik Deutschland in Betrieb ist.

Für Geräte, die in einem EG-Land erworben und in ein anderes EG-Land verbracht wurden, werden Leistungen im Rahmen der jeweils landesüblichen Garantiebedingungen erbracht. Eine Verpflichtung zur Leistung der Garantie besteht nur dann, wenn das Gerät den technischen Vorschriften des Landes, in deren der Garantieanspruch geltend gemacht wird, entspricht.

A diferença entre os textos em inglês e alemão são muitas. No âmbito pragmático, o texto em inglês promete serviços, já o alemão declara as condições de garantia. Mas, como um tipo textual, o texto em alemão é uma mistura de informações jurídicas (com terminologia estritamente jurídica) e recursos humorísticos comuns ao tipo textual operativo proposto por Katharina Reiss (1976). Começando com o tratamento do cliente como em uma carta pessoal ('Sehr geehrte Kundin, sehr geehrter Kunde') e parabenizando a/o por ter feito uma boa escolha ao optar pelos aparelhos feitos pela *Bauknecht*, a versão em alemão salienta que produtos da *Bauknecht* são usados por milhões de clientes satisfeitos por toda a Europa. No caso improvável de que algo dê errado, o departamento de atendimento estará disponível. O cliente é então avisado sobre a importância do número de atendimento nesta situação e é instruído a não removê-lo do aparelho. No subtítulo 'Condições de garantia' – com o período de garantia (1) e as condições para o reparo de defeitos sem cobrança (2) – o texto assume uma função puramente informativa, com estipulações comparáveis às do texto em inglês abaixo do título '*Your Guarantee*', onde é significativa que na versão em inglês, a 'evidência razoável' (*reasonable evidence*) da data de aquisição seja suficiente, enquanto na versão alemã se solicita que o cliente produza um recibo. A última seção (3) é de interesse especial, indicando a área onde a garantia é válida ('*Geltungsbereich*'). Enquanto a versão em inglês

requer apenas que o produto esteja localizado na República da Irlanda, a versão alemã refere à República Federal da Alemanha e adiciona mais algumas restrições legais. A seguir, a informação sobre os produtos adquiridos e transportados para outro país da comunidade europeia (*‘EG-Land’*) – nestes casos a garantia depende das estipulações locais. O termo *‘EG-Land’* indica que o texto deve ter sido escrito antes da introdução do termo *‘European Union’* (EU) (União Europeia) em 1993 – embora o eletrodoméstico em questão seja um congelador comprado em 1998.⁸

Textos Publicitários

A cena muda em textos onde problemas linguísticos, culturais ou locais são inseparavelmente entrelaçados, envolvendo assim algum tipo de identidade cultural, como em publicidade e turismo. Um gênero típico é o panfleto ilustrado com textos em duas ou mais línguas, uma delas geralmente o inglês para leitura internacional; abaixo há uma versão em inglês traduzida retirada de um panfleto da companhia aérea Lauda Air. A amostra é exemplo prototípico da Austria e apresenta um aspecto cultural da identidade cultural austríaca (tanto como autoimagem quanto na imagem estereotipada que é projetada fora).

146

Texto 3

The Art of Austrian Confectionery

The people of Salzburg may have their sweet ‘Nockerln’, Carinthians their ‘Reindling’ and the Viennese their world-famous Apfelstrudel – but all Austrians everywhere sing the praises of the ‘Guglhupf’. Its history is the subject of many coffee-house dispute, though the wonderfully light sponge cake is thought to have originated in a decidedly archaic environment – namely (sic), in the Capuchin Monastery. The hoods of the Capuchin monks were commonly known as ‘Gugl’. And when one particularly sweet-toothed monk baked a cake in a mould which had more than a passing resemblance to his hood, the holy brother jumped in the air for joy at the success of his sweet specialty. The Austrian dialect word for jump is ‘Hupf’ – and so the ‘jumping Capuchin’, known as the ‘Guglhupf’, was born.

O assunto descrito aqui é o elemento cultural *Guglhupf*, reconhecido com um tipo de bolo – apesar de seu formato característico não ter sido esclarecido no texto.⁹ Elementos culturais são comumente definidos como elementos da vida diária, história, cultura ou

SNELL-HORNBY. Comunicação na aldeia global: sobre linguagem, tradução e identidade cultural. *Belas Infâncias*, v. 3, n. 1, p. 131-152, 2014.

instituições de certa comunidade que não existem da mesma maneira em outras comunidades e, portanto, eles muitas vezes apresentam problemas notáveis para lexicógrafos bilíngues e tradutores.¹⁰ Para nosso propósito é importante que tais elementos sejam uma parte integral da identidade cultural de um grupo em particular (cf. Markstein, 1998), especialmente suas características distintas e as associações que suscitam. Então o *Guglhupf* é importante, não por ser apenas outro tipo de bolo, mas como parte da tradição específica da confeitaria austríaca – e por isso é oferecido como parte da refeição nos voos da Lauda Air.

Para o leitor não familiarizado com as sutilezas do texto fonte alemão, pode-se dizer que o conteúdo informativo básico é reproduzido na versão em inglês, apesar do texto parecer um tanto confuso, e facilmente reconhecido como tradução (um texto híbrido no senso de Schäffner e Adab), tanto com erros de interferência (*'nam(e)ly'*) quanto outras características estranhas. O título não se encaixa bem no texto (a palavra *'confectionery'*, em combinação com *'art'*, leva o leitor a esperar uma descrição de como os chocolates ou doces são feitos), itens lexicais como *'archaic'* ou *'passing resemblance'* são incompatíveis, e há diversos problemas de coesão e referência (*'the hoods/Gugl'*, *the Capuchin Monastery'*). A conclusão de que o texto realizou sua função de texto publicitário (enaltecendo as tradições austríacas) para o público mundial que lê em inglês é assunto para debate.

147

Alguns destes estranhamentos são esclarecidos se usarmos como referência o texto em alemão.

Österreichische Zuckerkünstler

Was den Salzburgern ihre süßen Nockerln, den Kärntnern der 'Reindling' oder den Wienern der allbekannte Apfelstrudel ist für alle Österreicher gemeinsam der vielgepriesene Guglhupf. Über seine Herkunft scheiden sich so manche Kaffeetratscher: Man vermutet den Ursprung der freudigflaumigen Mehlspeise in durchaus archaischer Umgebung im Kapuzinerkloster. So bezeichnete man die Kapuze der Mönche als 'Gugl'. Und als ein gar naschhafter Bruder Teig in eine Form füllte, die so ähnlich aussah wie seine Kapuze, hüpfte der fromme Mann nach dem Backen vor Freude über das Gelingen der süßen Spezialität in die Luff. Der hüpfende Kapuziner, genannt Guglhupf, war geboren.

Aqui podemos reconhecer a relação entre título e texto, que é na realidade sobre confeitores austríacos (no sentido de fazedores de bolos e massas, em particular monges confeitores) e não confeitaria. A palavra *'Zuckerkünstler'* é uma palavra inventada baseada

no termo ‘*Zuckerbäcker*’ (uma palavra austríaca para ‘*Konditor*’ ou confeitiro), onde ‘*künstler*’ significa ‘artista’. Outra forma de jogo de palavras é o composto ‘*Kaffeetratscher*’, baseado em ‘*Kaffeetratsch*’ (em alemão padrão: ‘*Kaffeeklatsch*’), que refere a uma conversa tranquila que acompanha o habitual café com bolo.¹¹ (O mais sério e, no entanto, irônico ‘*coffee-house dispute*’ (debate em uma cafeteria) usado na versão em inglês não pode ser descrito como um equivalente léxico, mas funciona bem com a coerência do texto). A origem dos erros de interferência também podem ser derivados do alemão (no texto em alemão, ‘*archaisch*’ não significa ‘antiquado’ mas na verdade enfatiza ‘histórico, tradicional’), assim como o problema de coesão e referência. Um não é presente na versão alemã (‘*Kapuze/Gugl*’ estão ambos no singular), o outro pode ser explicado pelas regras gramaticas alemãs (‘*im Kapuzinerkloster*’ aqui lido como ‘*in a monastery*’ [em um monastério]). Tais princípios elementares textuais podem explicar como um texto que depende tanto de conotações espirituosas pode ser enfraquecido na tradução por uma pesquisa de equivalência linguística muito limitada. O texto alemão busca passar a alegria do monge (‘pulou de alegria’ —*hupf*) após o bom desempenho ao produzir um bolo que parecia um capuz (*Gugl-*), enquanto o tradutor do inglês fez outra contribuição positiva para a coerência do texto explicando que *Hupf* é uma expressão dialética para ‘pulo’.

Textos híbridos literários

Nosso quarto texto é um exemplo de prosa pós-colonial. Foi tirado do romance premiado *The God of Small Things*, da escritora do sul da Índia Arundhati Roy, e representa um texto híbrido, como descrito acima por Samia Mehrez, que criou uma ‘nova língua’ que conseguiu ocupar um ‘interespaço’:

Texto 4

While the Welcome Home, Our Sophie Molplay was being performed in the front verandah and Kochu Maria distributed cake to a Blue Army in the green heat, Ambassador E. Pelvis/S. Pimpernel (with a puff) of the beige and pointy shoes, pushed open the gauze doors to the dank and pickle-smelling premises of Paradise Pickles. He walked among the giant cement pickle vats to find a place to Think In. Ousa, the Bar Nowl, who lived on a blackened beam

near the skylight (and contributed occasionally to the flavour of certain Paradise products), watched him walk.

Past floating yellow limes in brine that needed prodding from time to time (or else islands of black fungus formed liked frilled mushrooms in a clear soup).

Past green mangoes, cut and stuffed with turmeric and chilli powder and tied together with twine. (They needed no attention for a while.)

Past glass casks of vinegar with corks.

Past shelves of pectin and preservatives.

Past trays of bitter gourd, with knives and coloured finger-guards.

A linguagem apresentada aqui é exatamente oposta à globalizada ‘Mclíngua’ supra-cultural e de rápido consumo online como descrito no início do artigo. No sentido técnico, isso é um fragmento de narração convencional: o que está sendo descrito é uma fábrica de conserva tradicional administrada por uma família em Kerala com o nome característico ‘*Paradise Pickles*’, e os ingredientes padrões (‘mangas verdes, limões amarelos em salmoura, açafrão e pimenta em pó’). É uma descrição repleta da atmosfera e cores locais, certamente uma expressão de uma identidade cultural local (que se mistura com umidade, cheiros picantes, bolo, pectina e calçados pontudos), mas não sem ironia (a referência ao topete tipo *Elvi*’ do garoto indiano ou a ‘contribuição’ da coruja para o sabor das conservas). O mais significativo é que esse fragmento isolado não é imediatamente compreensível sem conhecimento anterior do contexto (como alusões aos nomes e itens mencionados e explicados em outro lugar do romance podem demonstrar). A hibridez é mostrada principalmente nos nomes em combinação com elementos tradicionais cristãos e locais (‘Sophie Mol’, ‘Kochu Maria’), o cenário rico e exótico (‘ilhas de fungos pretos... como cogumelos franzidos’) e o jogo de palavras (‘Bar Nowl’) que recorre constantemente pelo romance para mostrar como as crianças indianas compreendem frases em inglês. Também está presente em certas extensões da norma da língua inglesa em frases como ‘*pickle-smelling premises*’ ou ‘a Blue Army in the green heat’. É a personagem multidimensional, altamente evocativa dessa prosa tão elaborada e bem escrita – que poderia precisar de um artigo à parte para ser analisada – que apresenta um problema e cria um desafio para o tradutor literário.

Conclusão: A Profissão Híbrida

Durante os últimos vinte anos, a profissão de tradutor passou por mudanças radicais. No *Collins Dictionary of the English Language*, publicado em 1979, o ‘tradutor’ é definido simplesmente como ‘uma pessoa ou máquina que traduz fala ou escrita’, e ‘traduzir’ é definido como ‘expressar ou ser capaz de ser expresso em outra língua ou dialeto’. Esta impressão simplista – que mesmo vinte anos atrás era incrivelmente ingênua – não chega nem perto de descrever a atividade complexa do tradutor de hoje. Mesmo olhando os quatro pequenos trechos de trabalhos de tradução recentes (cada texto como híbrido a sua maneira), podemos ver quanto conhecimento técnico, jurídico e cultural é necessário para produzir um texto, não só em outra língua, mas para uma comunidade alvo, e nosso vislumbre do trabalho com língua na aldeia global nos dá uma ideia de como a língua é processada pela multimídia e tecnologia, tanto que até mesmo nosso conceito tradicional de texto tem de ser questionado. Schmitt (1998) esboçou um perfil de trabalho do tradutor e intérprete profissional, a partir de estudos de início e meados dos anos noventa, e ainda assim precisa de ajustes para se acomodar aos avanços que aconteceram no meio tempo. Usando o artigo de Schmitt como um quadro de referência, podemos descrever a atividade do tradutor de hoje a seguir:

150

Tradutores (e interpretes) são especialistas na comunicação interlingual e intercultural, e assumem total responsabilidade pelo seu trabalho. Eles adquiriram a perícia profissional necessária, sobretudo linguística, competência cultural e de áreas específicas, e estão equipados com habilidades tecnológicas adequadas a atender os desafios do mercado de hoje e os desafios dos anos que estão por vir. A partir do material fonte apresentado em forma escrita, falada ou multimídia, e usando estratégias de tradução adequadas e ferramentas de trabalho necessárias, eles são capazes de produzir um texto escrito, falado ou multimídia que cumpre seu propósito claramente definido em outra língua ou cultura. Tradutores estão envolvidos em campos desde científicos e literários até escrita técnica e pré- e pós-edição de tradução para palcos ou telas.

No século XIX, Jakob Grimm notoriamente comparou a tradução com a travessia de um rio ou mar, onde o navio é o texto, o navegador é o tradutor, o trajeto pelo mar ou rio é o processo de tradução, e a terra além das duas margens são as culturas de chegada e partida (cf. SCHÄFFNER, 1995, p. 199). Para aqueles tempos, onde fronteiras eram claras, nações nitidamente definidas e distâncias difíceis de cobrir, a imagem foi adequada. Em nossa aldeia global heterogênea de hoje, onde as distâncias foram superadas pela telecomunicação, onde o conceito de nação foi complicado pela imigração em massa e o desenvolvimento de subculturas e sociedades multiculturais, e onde fronteiras – mesmo entre línguas – ficaram

embaçadas ou desapareceram completamente, a imagem parece simplista e ingênua. ‘Jack no ano 2000’ tem mais em comum com o ‘homo comunicador’ ou nosso ‘sétimo continente’ do que o navegador do século XIX: como cidadão de um mundo globalizado híbrido e/ou virtual, ele/ela tem aptidão e perícia em múltiplas áreas que são necessárias para uso instantâneo e muitas vezes simultâneo para superar estas barreiras interlinguais e interculturais que a tecnologia ainda não conquistou.

Notas

1. 'Menschen entwickelten im Gruppenzusammenhang eine bestimmte Sprache, eine bestimmte Art des Verhaltens zu sich selbst und zu den 'Genossen' und eine bestimmte Art und Weise, ihre unlebendige und lebendige Umgebung, die Natur, zu deuten, einschließlich der großen Naturphänomene und so unbegreiflicher Dinge wie Träume' (Claessons, 1991, p. 50).
2. Pode-se verificar isso nas afirmações a seguir: ‘De longe o mais consequente destes efeitos, que quero discutir, é a *formação de identidades culturais*. A tradução exerce um poder enorme na *construção de representações de culturas estrangeiras*’ (Venuti, 1994, p. 202, destaques adicionados). Em essência, eu concordaria com a argumentação de Venuti – se o termo ‘identidade cultural’ fosse substituído por estereótipo ou imagem clichê.
3. Um exemplo desta atitude anglo-americana característica é citado por Venuti: ‘Este projeto tem como ponto de partida o mal entendido, a suspeita e a negligência que continua a acompanhar a prática da tradução, especialmente nos Estados Unidos e no Reino Unido. Nos maiores países falantes do inglês, o volume de traduções não só continua pequeno (2 ou 3% de produção anual total; aproximadamente 1200 livros), como também são relativamente pouco financiadas pelo governo e agências privadas, desfavorecidas por leis de direitos autorais, e praticamente ignoradas por críticos e leitores (Venuti 1994, p. 219). Isso pode ser verdade nos ‘maiores países falantes do inglês’ mas não pode ser elevado ao status de verdade universal. Em países como Israel, Finlândia, Filipinas, devido ao status da língua nacional, entre outras coisas, as estatísticas e a situação são bem diferentes.
4. Um bom exemplo pode ser o artigo de Paul Johnson ‘Elizabethan Mania’, de 13 de fevereiro 1999, p. 12-13, sobre o senso de identidade britânico criado durante o reino de Elizabeth I, em contraste com o processo atual de integração com a Europa, sobre o qual Johnson afirma: “Nós sentimos que estamos sendo desinglesados, castrados e emasculados”.
5. Violante-Casseta possível dizer ‘quase ilegível’
6. Séguinot (1994) salientou isto para propaganda e marketing, mas na verdade se aplica a todas as atividades profissionais.
7. Isto foi feito por Patricia Vaughan, Universidade do Ceará, Brasil.
8. No meio tempo, um novo manual foi produzido e a informação atualizada.

9. Há também uma pintura impressionista de um *Guglhupf* na capa do panfleto, mas apenas é uma visão parcial. Para o leigo, a imagem dá uma informação incompleta sobre seu verdadeiro formato.
10. Na maioria das vezes não são traduzidos, mas seu significado básico é esclarecido no conteúdo imediato. Cf. o debate acompanhando artigo de Venuti em *Current Issues in Language and Society* 1:3, 1994.
11. Toda a informação léxica pode ser verificada em *Duden Deutsches Universalwörterbuch*.

RECEBIDO EM 19/05/2014

ACEITO EM 20/07/2014

ⁱ Título original: *Communicating in the Global Village: On Language, Translation and Cultural Identity*.

ⁱⁱ Lattes – Matheus Bezerra Evaristo. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9582170440949572>

ⁱⁱⁱ Lattes – Cristiane Roscoe Bessa. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0039122901216440>